

Ainda *Macondo*? As maneiras de sobreviver da América Latina nas brechas da indústria jornalística

Guilherme Silva da Cruz¹

A percepção jornalística da grande mídia alça uma dualidade sobre a narrativa histórica da América Latina. A fragmentação da região fomenta a exclusão e o isolamento, e renega múltiplas particularidades. No livro *A Solidão da América Latina na Indústria Jornalística Brasileira* (Editora Alexa Cultural), Alexandre Barbosa forma um horizonte que expõe a ação que limita as condições sociopolíticas e econômicas latino-americanas. Partindo da concepção de Gabriel García Márquez, o Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, concebe um diálogo entre produção de massa, expressões artísticas e culturais, e o discurso oficial para estabelecer os fatores da *solidão* da América Latina na cobertura do noticiário brasileiro. O autor é especialista em Jornalismo Internacional, pesquisador do Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura, e atualmente é coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Nove de Julho.

Nessa entrevista para a *Espirales*, Barbosa reflete sobre a prática educacional como meio de câmbio, os projetos jornalísticos inovadores, o papel das agências internacionais de comunicação, as ações político-midiáticas em alguns países, e os processos de democratização da mídia na região.

¹ Mestrando em Integração Contemporânea da América Latina pela Universidade Federal da Integração Latino-americana. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo. guilhermecruzz@live.com

1. *Como você visualiza a criação do imaginário sócio histórico da região que está muito atrelado aos processos de esquecimentos e/ou silenciamentos? Quais fatores históricos e culturais foram marcantes para o desenvolvimento da sua ideia de “solidão” da América Latina?*

A América Latina, desde que foi concebida essa visão geográfica, política e histórica viveu ciclos. Ou seja, os povos e países latino-americanos viveram episódios semelhantes durante determinado período histórico. Pode-se citar como exemplos a conquista europeia; as lutas pela independência; a neocolonização britânica e depois norte-americana, com os consequentes processos de americanização das culturas; o surgimento de governos nacionalistas; as ditaduras militares; as lutas de resistência e a proliferação de movimentos guerrilheiros; a implantação de políticas neoliberais; o surgimento de governos progressistas ou de centro-esquerda e, recentemente, a retomada de governos neoliberais com alguns casos de “golpes institucionais” como os do Paraguai e do Brasil.

A analogia que faço com Cem Anos de Solidão é que assim como os habitantes de *Macondo* no livro de García Márquez pareciam não ter “uma segunda oportunidade sobre a terra”, com o mundo dando voltas até chegar ao destino final que varreu *Macondo* do mapa, a América Latina parece ser condenada da mesma forma.

Esses ciclos latino-americanos condenam as classes populares de duas formas: a primeira é pela repressão. Na conquista, foram os exércitos ibéricos que dizimaram civilizações, depois os marines norte-americanos em suas missões de “pacificação” e mais tarde, os regimes militares e seus métodos de tortura, morte e desaparecimento. A outra forma de silenciamento é tão cruel quanto: o esquecimento. O subcomandante Marcos, um dos principais porta-vozes do movimento zapatista no final da década de 90 dizia que “morrer não dói, o que dói é o esquecimento”. Além das repressões por morte, houve um processo de esquecimento das lutas populares empreendido pelos aparelhos ideológicos, como políticas de Estado que não incentivam a solidariedade latino-americana e também pela educação e pelos meios de comunicação.

Quando houve as independências no final do século XIX elas foram seguidas do neocolonialismo britânico que incentivou lutas regionais e, boicotou, por diferentes formas, a integração latino-americana. Guillermo Piernes, no livro “Comunicação e desintegração na América Latina” descreve como bitolas das estradas de ferro e as tomadas da rede elétrica foram construídas de forma diferente de um país para outro. Esse bloqueio à integração promovido pelos britânicos foi ainda mais acelerado quando os EUA invadem a América Latina com sua indústria cultural no processo de sedução da região para tornar os países aliados na II Guerra Mundial. As nascentes indústrias jornalísticas e culturais da região foram se moldando nos formatos e critérios norte-americanos e dando cada vez mais as costas para os vizinhos.

Essa solidariedade só vai voltar a existir nos anos 60 e 70 com os movimentos de luta contra os regimes ditatoriais. Mas, novamente, episódios como a Operação Condor perseguiu e eliminou militantes políticos. E, se não fosse pela imprensa alternativa, o discurso oficial de que esses movimentos de resistência eram terroristas, poderia ter passado para a história.

Nos anos 90, o MST, principal movimento social brasileiro à época, tenta promover a integração dos movimentos sociais e camponeses, mas basta uma passada de olhos na cobertura do período para ver como o MST foi duramente reprimido pelas forças policiais e também massacrado nos meios de comunicação. Agora, o que a América Latina vê, por meio da cobertura internacional, é a demonização dos governos Chávez, Kirchner e do PT, por exemplos, como chagas que levaram a região ao caos econômico e político.

Tudo isso mostra que vivemos num eterno ciclo, tal qual *Macondo*, sempre condenados a não conseguir nossa emancipação e nossa integração.

2. Você elabora uma reflexão no qual a histografia converge-se até o jornalismo. Dois instrumentos que utilizaram a escrita como algo fundante à dominação. Como você compreende o advento da palavra escrita, e sua importância nos processos de colonização?

Minhas pesquisas não vão tão longe para tentar comprovar que o advento da palavra escrita tenha contribuído para a dominação, mas recorro, sim, às teses da saudosa professora Maria Nazareth Ferreira que diz que se não fosse pela imprensa das classes subalternas, as visões das classes

dominantes, ou dos “vencedores” da história teriam se estabelecidos como “verdades” históricas. Vamos ficar no exemplo brasileiro para contextualizar. Imagine um pesquisador que queira estudar os anos 60 e 70 no Brasil. Se ele recorresse aos documentos oficiais dos departamentos de repressão (Dops, DOI-CODI) ele veria que a justificativa para o combate era o perigo terrorista. Se ele cruzar essa informação com a cobertura jornalística da época, sob censura ou autocensura, verá manchetes como “Marighella chefia o terror”. Agora, se ele pesquisar os jornais alternativos poderá ver, em documentos originais, os debates na esquerda armada, os conflitos internos, o que levou aqueles militantes a pegar em armas, etc.

Esse é um exemplo mais recente, mas que acontece em outras épocas. O que tento mostrar em minhas pesquisas é que os jornais operam com as lutas, culturais e histórias populares da América Latina, o mesmo que a historiografia oficial. Outro exemplo brasileiro. Um turista em São Paulo que pegue o metrô e desça na Praça Coronel Fernando Prestes. Lá ele achará uma estátua de Tobias de Aguiar, que criou as milícias paulistas, que deram origem à Polícia Militar. Nessa estátua há uma placa que parabeniza Tobias pela heroica campanha de Canudos. Ora, Canudos foi um massacre, um dos exemplos em que o Exército brasileiro foi usado contra seu próprio povo. E a plaquinha lá na estátua só reforça esse mito palaciano que em Canudos havia um maluco messiânico que queria derrubar a República e não um legítimo movimento de luta pela terra.

Portanto, mais do que a palavra escrita em si, mas o modo como ela foi empregada, foi decisivo na nossa solidão latino-americana.

3. Como você entende os elementos estruturais da produção do jornalismo hegemônico, como a imparcialidade e agenda setting, no processo de reconfiguração de estereótipos e preconceitos?

No modelo ocidental de jornalismo, uma das principais fontes de renda é o veículo ter altos índices de audiência pois isso gera maiores verbas publicitárias. E em sociedades civis que não estão acostumadas com o debate político, como é o caso de várias nações latino-americanas, como o Brasil, o posicionamento de um veículo de comunicação pode afastar os que não concordam com ele. Ou seja, presume-se que quando um veículo defende uma

bandeira, ele afastaria o público que não concorda com essa bandeira. Em nações em que há democratização dos meios, com vários veículos de comunicação já estabelecidos, há públicos para essas diferentes bandeiras. Mas, na maioria da América Latina o que se vê são veículos de comunicação controlados por famílias e que concentram diferentes mídias: a mesma família controla o jornal impresso, o canal de TV, a emissora de rádio, a revista semanal, o portal de notícias, a editora de livros e a gravadora de músicas. Não há diversidade, portanto, há poucos veículos de comunicação e, na cobertura jornalística, a pauta é consensual: o que um veículo noticia vira pauta para o outro. O público, acostumado a essa pauta consensual e acreditando que aquela cobertura é espelho da realidade, como os veículos jornalísticos se vendem, estranharia, em tese, se algum passasse a mostrar claramente um posicionamento político ou ideológico. E a melhor forma que o modelo ocidental de jornalismo encontrou para vender essa imagem de espelho da realidade é o mito da imparcialidade.

Ao usar as técnicas norte-americanas de redação, como o *lide* jornalístico no primeiro parágrafo, a diminuição do adjetivo e o uso da linguagem referencial, os jornais passaram a vender essa imagem de imparcialidade. Porém, qualquer estudo baseado nas teorias do jornalismo desmonta esse mito. O jornalismo opera, até nas coberturas mais simples um processo de seleção e construção das notícias. A seleção e a construção podem sofrer influências do próprio jornalista, da empresa dona do veículo, da ideologia dominante.

E é aí que os preconceitos sobre América Latina se fortalecem. O jornalista, muitas vezes, é resultado de um processo de formação que não incluiu a América Latina. A ideologia dominante, desde há muito, é alinhada ao eixo Europa-EUA. A empresa que faz o veículo é de propriedade de famílias que pertencem a essa classe dominante. Ora, numa reunião de pauta, se surgir algum tema latino-americano, ele terá de derrubar todos esses filtros. Assim, quando a América Latina é retratada nas coberturas jornalísticas é para reforçar seu caráter de periferia, de região exótica, de região atrasada em relação à régua ocidental de desenvolvimento.

O agendamento é uma hipótese que deve ser comprovada *a posteriori*. Ou seja, depois da cobertura é que pode-se medir se a pauta consensual e os enquadramentos geraram um agendamento. Recentemente, no caso brasileiro,

houve agendamento quando a Bolívia foi criticada por tentar rever os recursos naturais explorados pelo subimperialismo brasileiro. Furar esse ciclo da pauta consensual é outra missão de quem almeja tirar a América Latina de sua solidão.

4. *Qual o perfil do ordenamento noticioso demandado e ofertado pelas agências internacionais?*

As agências internacionais de notícias são baseadas nos países centrais do capitalismo, portanto, suas categorias de seleção de notícias levam em consideração os interesses e visões ideológicas desses países. Muitas vezes, esses interesses são da livre circulação de capitais e a visão ideológica é a da democracia ocidental liberal. Um país latino-americano que promova uma ação governamental que escape a um desses preceitos, sofrerá, por parte da cobertura internacional, toda sorte de críticas. Foi o que aconteceu com a Venezuela durante o governo Chávez. Não estou aqui defendendo cegamente o governo dele. Mas chamo a atenção que se toda a cobertura internacional ficar apenas nos despachos das agências internacionais, principalmente as norte-americanas, não haverá outra visão.

Recentemente uma dupla de alunos escreveu um artigo para o TCC de Jornalismo sobre a cobertura da Folha de S. Paulo sobre a Bolívia no período que foi da eleição presidencial até a queda do avião da Chapecoense. A análise foi baseada na teoria do *Newsmaking*. O principal valor-notícia encontrado foi a notoriedade, graças à figura de Evo Morales. Conflitos e controvérsias foram bem pouco, ao contrário do que normalmente se fala da Bolívia. A dupla não fez essa análise, mas minha hipótese é que como a cobertura analisada foi quase toda feita por uma correspondente que cobriu as eleições e que cobre a América Latina, o olhar foi mais humanizado, apesar de centrado na figura do presidente. Provavelmente, se a cobertura fosse feita apenas por agências, esse lado supostamente atrasado da Bolívia poderia se impor. Fica aí uma bela dica de pesquisa para quem quer estudar a cobertura no continente: comparar as notícias feitas a partir de material de agências e com correspondentes ou enviados.

5. Qual a sua avaliação das ações midiáticas, principalmente no Brasil e Venezuela, que desestabilizaram e reordenaram a configuração política na região?

Esses países fazem parte do exemplo de um dos ciclos pelos quais passam os países latino-americanos. Após alguns anos de governos nacionalistas, não totalmente alinhados às políticas neoliberais, houve a reação das forças conservadoras. Dessa vez não houve repressão física e militar, mas sim uma intensa campanha midiática de desestabilização desses governos – aproveitando muitas vezes fraquezas e contradições deles mesmos – para conduzir a opinião pública a tirar o apoio das classes médias.

6. Em sua opinião, quais os países da região que estão em processo para alcançar uma democratização da comunicação?

Infelizmente não vejo essa possibilidade a curto prazo. A Argentina fez uma ação muito *importante com a Ley de Medios*. Mas a reação desses meios foi tão feroz que o governo Kirchner foi derrotado nas urnas. O Equador está galgando um caminho interessante, pois o que dificulta a democratização é justamente a concentração de veículos numa única família, como respondi anteriormente. E não só veículos de comunicação, toda a cadeia, das editoras de livros, passando pelas gravadoras e distribuidoras de música, pelos jornais, rádios, revistas até os portais de notícias. Neste ponto, há que se concordar que o universo das redes sociais democratizou mais a informação, apesar de ainda não ter se revelado o meio mais poderoso para alcançar todas camadas das populações latino-americanas. Em muitos lugares, o rádio ainda é o principal meio de informação.

7. Você conseguiria indicar exemplos atuais (jornalistas, movimentos, projetos, coletivos, etc.) de atividades jornalísticas que dissipam e/ou mesclam a divisão de uma “América Latina oficial” e “América Latina popular”? Como você avalia duas atividades jornalísticas em crescimento na região: a comunicação indígena (por exemplo, o periódico mapuche *Werkén*), e os sites de periodismo narrativo (como *Anfibia* e *Etiqueta Negra*)?

Se eu apontar algumas estaria sendo injusto, porque há ações isoladas aqui e acolá. Infelizmente, não temos um movimento como a *Nomic* e o relatório *MacBride*, sob o manto da Unesco, discutindo os fluxos de comunicação. Esse sim foi um enorme passo para identificar a desigualdade e também a distorção dos fluxos de comunicação. Mas o esvaziamento da Unesco pelos países centrais e até por esse conteúdo ter ficado quase desaparecido dos programas de ensino de jornalismo são sintomas de como o silenciamento opera constantemente em nossa região.

Mas, temos três tipos de comunicação que traz a América Latina Popular como categoria de seleção e construção de notícias:

- quadros e programas em emissoras públicas, como Rádio USP. Na Rádio USP cito o recém-nascido Brasil Latino. Infelizmente a TV Brasil tinha o Ver TV, comandado pelo Lalo Leal Filho mas que foi interrompido com as mudanças políticas no Brasil.

- veículos independentes e alternativos, principalmente nas redes sociais, que constroem um olhar latino-americano nas coberturas políticas, econômicas e culturais. Cito a revista *Calle 2*, no Brasil, que faz excelentes coberturas sobre diferentes aspectos culturais, políticos, sociais da América Latina. Nessa mesma linha há o *Opera Mundi*. Também coloco nessa categoria os veículos conduzidos por organizações sociais e coletivos de comunicação, como o *Projeto Colabora*, do Brasil e a *Agência Adital*.

- movimentos sociais. Os movimentos sociais que mantêm veículos de comunicação produzem jornalismo com a América Latina Popular como categoria de seleção e construção. Cito os valorosos e combativos exemplos do MST no Brasil e da Frente Zapatista de Libertação Nacional, no México.

8. *Quais seriam as ações principais para estabelecer uma comunicação que englobe diversidade e pluralismo? Como você analisa o papel da educação nesse contexto?*

Em primeiro lugar é preciso fortalecer esses veículos de comunicação com critérios de noticiabilidade latino-americanos. Quando falo fortalecer não me refiro só ao drama, ainda não resolvido, do financiamento destes veículos: quase todos enfrentam sérias dificuldades financeiras e podem desaparecer antes mesmo dessa entrevista chegar aos leitores. O fortalecimento passa

também pela divulgação, pela leitura, pelo acompanhamento, principalmente nas faculdades de jornalismo. É preciso que os estudantes conheçam outros olhares. E aqui está o segundo ponto essencial para tirar a América Latina da solidão: ela precisa ser estudada. Um repórter consciente sobre a região teria muita dificuldade de vender uma pauta numa reunião pelo tempo que ele teria de explicar a importância dos temas. Mas, se América Latina for mais estudada desde o ensino básico, aos poucos, o preconceito e a falta de informação vão sendo quebrados.

A América Latina precisa fazer parte do programa das crianças nos primeiros anos de ensino fundamental, os nomes, as datas e os processos históricos precisam fazer parte dos programas de Geografia e História e não só um ponto para civilizações pré-colombianas e outra para as lutas de independência. E olhe lá. Quando esses pontos entram são, geralmente, satélites do ponto principal sobre as navegações ibéricas e sobre a revolução francesa e independência norte-americana. As obras literárias podem fazer parte das leituras. Por que os clássicos latino-americanos não fazem parte das listas de vestibular? *As Veias Abertas...*, de Eduardo Galeano poderia ser leitura de Geografia. Eu mesmo li esse livro na 8ª série do Ginásio, hoje nono ano. E aí, claro, América Latina poderia ser componente curricular na formação superior. Incentivar as pesquisas sobre a região, os autores, as teorias que floresceram aqui. Estudar o realismo mágico, o marxismo de Mariátegui, continuar os estudos da professora Maria Nazareth Ferreira, estudar a teologia da libertação. Isso sim contribuiria para retirar a América Latina de sua solidão.

9. A partir do prisma da comunicação como você visualiza a integração da América Latina?

Acho que já respondi em parte nas perguntas acima, mas para reforçar: a integração que acontece hoje muitas vezes é a integração de mercados, ou seja uma integração que vem por cima. E nessa integração de mercados, o que circula é chancelado pela indústria cultural e pelo jornalismo hegemônico, num novo ciclo que exclui a América Latina popular. Porém, como sempre surgem resistências, há um movimento contra-hegemônico de integração latino-americana por meio dos movimentos sociais, como o MST e a Via Campesina e a Frente Zapatista. São movimentos que já sofreram muita

repressão física e também a repressão do silenciamento, mas que continuam remando.

Houve o projeto da *Telesur*, mas, infelizmente, tenho receio de que a Venezuela não dê continuidade. Mas tive um orientando de pós-graduação *lato sensu* no Celacc que mostrou o quanto a *Telesur* tentou levar a cabo esse projeto de integração por meio da comunicação, com as pautas sobre diferentes países e de diferentes temáticas.

A comunicação não acontece apenas nos jornais e canais de TV, ela também acontece nos muralismos, nas apresentações de teatro, no cinema, nas marchas, na literatura e na música. Ampliar os estudos da América Latina pode contribuir para que a música que circule não seja apenas a chancelada pela indústria cultural, mas também as que são manifestações da cultura popular.

